

Afeganistão: O massacre de Kunduz

Por Marc W. Herold*

«Quantos civis que não sejam de raça branca têm que morrer para que os EUA se dignem informar essas mortes?»

Em resposta à minha pergunta em epígrafe, foi-nos dito que o limite está nos 30-40 mortos. A revelação deste facto diz muito mais do que as simples palavras. Há alguns anos, Marc Garlasco, da organização Human Rights Watch, quando estava ao serviço da Agência de Inteligência de Defesa dos EUA e tinha de tomar decisões relacionadas com os ataques aéreos estadunidenses, era obrigado a procurar um superior no momento de decidir os ditos ataques, se pensava que as possíveis mortes de afegãos («danos colaterais») ultrapassavam o número de trinta [1].



Enterro dos restos mortais de vítimas do massacre de Kunduz

Nos últimos anos, as autoridades e os meios dominantes estadunidenses apenas tem referido os mortos afegãos quando o seu número excede os 30. No entanto, quando uma bomba artesanal taliban mata transeuntes inocentes, começam inocentemente a aparecer metros e metros de papel de imprensa, frequentemente acompanhados de fotografias das vítimas. Torna-se demasiado evidente que para a imprensa estadunidense, para a Human Rights Watch e para a cidadania dos EUA há cadáveres que são dignos de atenção e outros que não merecem qualquer interesse. Como escrevi há já algum tempo:

Para o Pentágono e os seus papagaios no “media”, há corpos bons (civis assassinados pelo «nosso inimigo») e corpos maus (civis assassinados pelo nosso exército), respectivamente, danos colaterais acidentais, ou «militantes» e «insurrectos», transformando assim os civis com o clic de um teclado. Durante o conflito jugoslavo, a Human Rights Watch destacava exagradamente os civis assassinados pelos sérvios, esquecendo-se, em contrapartida, dos civis assassinados pelos não sérvios. Actualmente, no Afeganistão os media dominantes estadunidenses, com a Associated Press à cabeça, descrevem detalhes das vítimas civis dos ataques suicidas «talibans» disponibilizando amiúde fotografias, mantendo-se em contrapartida muito circunspectos em relação às vítimas dos ataques aéreos dos EUA e da NATO, de que jamais publicam fotografias [2].

A matança em Kunduz de muitos civis afegãos executada na noite de 3 para 4 de Setembro por um avião F-15E Strike Eagle das Forças Aéreas dos EUA, ao lançar duas bombas de alta «precisão» de 250 kilos cada, sobre um numeroso grupo de pessoas, revela (pelo menos) duas coisas: sabemos que esse ataque letal teve lugar numa zona onde a carnificina (já não) não podia ser ocultada, e a causa da amplitude da matança (demasiado grande para poder ser ocultada). Mas alguém soube alguma coisa da rapariguinha assassinada e da sua irmã ferida por um míssil da NATO, quando esse míssil de «precisão» caiu na sua casa na noite do passado dia 1 de Setembro, na aldeia de Narizi, no distrito de Tani, a sudoeste da cidade de Khost? Alguém se recorda de ter ouvido alguma coisa sobre um massacre idêntico ao de Kunduz, que teve lugar no distrito de Panjwaji, em 24 de Outubro de 2006? Ou sobre o massacre de Haydarabad, Helmand, em Junho de 2007 [3]?

O contexto para compreender o que sucedeu em Kunduz, engloba uma larga sucessão de ataques letais estadunidenses de que os media dominantes não deram qualquer informação, mas que consegui reconstituir na página web do Projecto para o Memorial das Vítimas Afegãs [AVMP na sua sigla em inglês]. A crueldade dessas matanças tem a ver, e muito, com o pequeníssimo valor que se atribui a uma vida afegã [4]. Reproduzo a página de AVMP em que se descreve o ataque a Panjwayi que provocou um número de vítimas idêntico ao de Kunduz:

«Ao fim do dia de terça-feira, 24 de Outubro de 2006, em aldeias como Sperwan Ghar, Lay Kundi, Lakhnai, etc. situadas no distrito de Panjwayi, na província de Kandahar, as forças da NATO deslocadas no Afeganistão assassinaram dezenas de civis numa única operação, bombardeando-as nas suas próprias casas, quando se encontravam a celebrar o fim do Ramadão.



Uma vítima do massacre de Kunduz

Os aviões de combate dos EUA e da NATO lançaram bombas sobre várias aldeias durante o último dia da importante festa islâmica do Eid al-Fitr, numa região em que ao que parece havia já dois meses que se tinha limpo de combatentes da resistência, durante a muito badalada Operação Medusa. Testemunhas afirmaram que o bombardeamento de «precisão» dos EUA e da NATO arrasou 25 casas durante 4-5 horas (a NATO informou, como faz habitualmente, que deveria ter morto «38 combatentes talibans»).

Ahmadullah, da aldeia de Zangawa, disse que tinham bombardeado 50 casas e que os vizinhos tinham resgatado 30 cadáveres entre os escombros. Muitos corpos estavam ainda soterrados. Per Agha levou os seus familiares feridos para um hospital em Kandahar e disse que tinham assassinado uma mulher da sua família. Agha disse que alguns familiares ainda estavam desaparecidos. Depois de visitar os feridos num hospital, Nik Moahammad, um velho chefe tribal, disse que os acontecimentos de terça-feira tinham morto 60 civis. Um camponês, Karim Yam, disse que havia entre 60 e 70 assassinados. O comité internacional da Cruz Vermelha (CICV) disse que tinham morto pelo menos 70 civis. Outra camponesa, Yamila Bibi, disse que cerca de 20 pessoas da sua família estavam soterrados debaixo dos escombros das suas casas por causa dos bombardeamentos. Abdul Aye disse que os seus irmãos, tios e sobrinhos e sobrinhas ficaram enterrados quando um ataque aéreo destruiu as grossas



Criança vítima de um míssil de «precisão» em Panjwayi

paredes de adobe da casa que tinha na aldeia. «Toda a gente está furiosa com o governo e com a coligação. Não havia talibans». Abdul Aye, um camponês, disse a chorar no funeral dos seus familiares que 22 membros da sua extensa família tinham sido assassinados e acrescentou: «Estas tragédias acontecem continuamente». Num funeral em Kandahar, um camponês de nome Taj Mohammad, disse que 10 membros da sua família tinham morrido nos acontecimentos. «Não havia combatentes», disse. «Mataram pessoas inocentes». Outro homem disse que 15 membros da sua família, entre mulheres e crianças, tinham morrido assassinadas. «Chegaram os aviões e estiveram a bombardear até às três da madrugada. De manhã começaram a castigar a nossa aldeia com morteiros. Não permitiram que ninguém viesse ajudar-nos». Outros refugiados informaram que as tropas da NATO cortaram as estradas e que tiveram que levar os feridos até Kandahar pelo campo. Um enfermeiro dum hospital, Dad Mohammad, disse que as forças da NATO tinham atacado violentamente a aldeia de Lknai na zona de Zagawad, em Panjwayi e que tinham morrido 90 civis. O deputado Habibullah Jan declarou que tinham enterrado 22 pessoas numa fossa comum em Mirwisa Mina, uma aldeia situada a seis quilómetros a oeste de Kandahar. Atta Mohammad, de 40 anos da aldeia de Zangawad, bombardeada durante os ataques da NATO de terça-feira, esperava em frente à sala de cirurgia do hospital Mirwais de Kandahar para visitar os seus familiares e disse: «Assassinaram e enterrámos 62 vizinhos nossos, incluindo mulheres e crianças; além disso há ainda outras doze pessoas que ficaram feridas durante os ataques aéreos», disse Mohammad. «Há casas que perderam 20 e 22 pessoas nesses ataques. Ontem precisamente recuperámos alguns corpos debaixo das ruínas com a ajuda de um tractor». Tur, de 25 anos, um camponês afegão que permanece coberto de sangue e pó em cima de uma macadisse a mesma coisa: «Começaram a bombardear-nos da meia-noite em diante... não podíamos mexer-nos, atacavam-nos por todos os lados. Depois atingiram-me numa perna, saí arrastando-me com a minha mulher e os meus três irmãos. Estávamos todos feridos Enquanto fugíamos vimos mortos e feridos por todo o lado: homens, mulheres e crianças». Um homem que não quis dizer o seu nome disse que tinham assassinado 20 pessoas da sua família e que também tinham ferido 10 pessoas. «Toda a gente pode vir aqui e ver as nossas casas e a zona. Aqui não há talibans. Somos todos nómadas que vivemos em tendas d campanha», disse. «Enganam-se sempre. Estão a destruir-nos com os seus erros. Por amor de Deus, venham e vejam a nossa situação». Hayi Shah Mohammad, um alto representante do conselho provincial de

Kandahar relatou o seguinte: «Acabo de falar para o presidente Karzai mas tem o telefone desligado. Três dos meus sobrinhos morreram e mais três pessoas da minha família estão feridas. Telefonei para o governador (Jalid) mas também tem o telefone desligado. Quem é que nos vai ouvir»? Abdul Karim, um ancião ferido que estava a ser tratado no hospital de Mir Wais disse: «Quando chegaram as tropas estrangeiras contra o meu filho que estava ferido». Outro ferido, Abdul Ghafur (Ghafor?), disse que sete pessoas da sua família tinha morrido assassinados no ataque aéreo da NATO (a sua mulher, quatro filhos e duas filhas).

Os títeres do regime de Karzai até juntarem todas as peças do puzzle das suas mentiras. Inclusive, o porta-voz do Ministério do Interior do regime-títere admitiu inicialmente que mais de 40 vizinhos tinham sido assassinados nos ataques da NATO. O chefe do distrito de Panjawi disse à AFP que tinha informação da morte de 60 civis. O membro do conselho provincial de Kandahar, Bismallah Afghanmal, afirmou que o Ministério da Defesa afegão estava a começar outra investigação». Mas Afghanmal acrescentou que os aldeões estavam fartos de investigações. «Factos deste género sucederam em várias ocasiões e eles (a NATO) limitam-se a dizer «sentimos muito». Como podes compensar as pessoas que perderam os seus filhos e filhas?». Por seu lado, Hamid Karzai costuma aparecer trauteando as suas habituais desculpas quando civis inocentes morrem às mãos dos EUA e da NATO, dizendo que está «muito triste e preocupado».

Em 26 de Outubro de 2006 Hayi Nik Mohammad, declarou aos jornalistas que estavam reunidos: «Prefiro ligar-me às forças talibans porque, até agora, estes só mataram duas pessoas na minha aldeia, enquanto as forças da coligação mataram 63 num só dia. Agora diga-me, quem é o meu verdadeiro inimigo, os talibans ou as tropas estrangeiras?»



Haji Nik Mohammad

A foto da direita mostra o menino de doze anos, Abdul Ghsffor no Hospital de Mir Wais , outra vítima dos homicidas ataques dos EUA e da NATO. Indignado, um médico do Hospital, enquanto três crianças entravam no hospital em cadeiras de rodas, todas elas feridas pela metralha dos exércitos dos EUA e da NATO, disse ao The Times (Londres): «Vós, os estrangeiros, o que é que pensam que estão a fazer? Bombardeais civis e depois aparecem para falar com eles. É melhor que os deixem sossegados.



Abdul Gaffor, uma criança de 12 anos

No *The Globe and Mail* citava-se um alto funcionário da NATO: «Foi informado que havia vítimas civis, mas na realidade eram corpos de insurrectos». O vídeo com as declarações dos feridos pode ser visto em:

www.rawa.us/movies/haji_nik_mohammad_clipwmv e
www.rawa.us/movies/qandahar.wmv.

Fonte: Projecto de Memorial pelas vítimas afegãs em:
http://pubpages.unh.edu.../31_85_civilianskilled102406.htm

Por que não soubemos nada dos cerca de 65 afegãos e pastunes assassinados em acções estadunidenses e da NATO de Agosto de 2009? A resposta é: porque a média de mortes por incidentes em Agosto de 2009, quando os ataques dos EUA e da NATO provocaram vítimas civis, foi «apenas» de quatro, muito abaixo do *limiar de atenção* (que torna um facto «mediático») e, portanto, acima dele é digno de menção pelas autoridades e pela imprensa dos EUA, particularmente em que o General Stanley McChrystal tenta vender a sua «nova» estratégia afegã, assegurando que os EUA estão no Afeganistão para «proteger» os civis. O que constitui o referido limiar de atenção para os *media* é um pouco diferente da muito e mais estudada questão da imprensa e das reacções das pessoas às mortes de civis em tempo de guerra [5]. Outra variável explicativa que pode influenciar, ainda que em menor grau, na decisão de se informar ou não um ataque é a impossibilidade de aceder ou não ao lugar em que o mesmo teve lugar.



General MacChrystal e o comandante alemão da base de Kunduz, Cor. Georg Klein, que pediu o ataque aéreo que provocou o massacre de Kunduz

Os ataques dos EUA e da NATO durante o mês de Agosto de 2009, dois meses depois da «nova» estratégia afegã de MacChrystal, acabaram com a vida de 65 civis, um número 25% mais alto que o de 52 recolhido em Julho. O quadro abaixo mostra que a média mensal de civis assassinados diminuiu nos últimos dois meses em relação à primeira metade de 2009 e a de 2008. Mas o «custo» recaiu num agudo incremento da taxa de mortes de soldados dos EUA e da NATO. Em Agosto de 2009, por cada soldado morto das forças de ocupação, morreram 0,93 civis. Isto contrasta com a cifra de 9,3-11,0 desde 2001 2006 [6].

Quadro 1

Letalidade relativa da guerra dos EUA e da NATO no Afeganistão

	(1) Civis afegãos e pastun assassinados em acções dos EUA e da NATO	(2) Soldados mortos dos EUA e da NATO	Civis assassinados por cada morte de um soldado ocupante
2008	864-1.017	294 (155 dos EUA)	3,20
Janeiro-Junho 2009	520-630 (média de 941)	156	3,69
Julho 2009	47-56 (média 52)	71 (45 dos EUA)	0,73
Agosto 2009	64-66 (média de 65)	70 (51 dos EUA)	0,93

No entanto, o bombardeamento feito à meia-noite de um numeroso grupo de pessoas que se tinha juntado à volta dos camiões-cisterna cheios de fuel na zona de Chahar Dará, na província de Kunduz na noite de 3 para 4 de Setembro provocou uma imediata, intensa e extensa cobertura mediática. Esta cobertura dos *media* representa um caso prático de como se combate militarmente na guerra afegã, quer no terreno quer nos meios de comunicação.

A dimensão militar do acontecimento está muito clara. Cerca das 22 horas, um grupo de combatentes talibans sequestrou dois camiões-cisterna que levavam fuel para as forças ocupantes da NATO, uns dez quilómetros a sul da cidade de Kunduz. As forças alemãs informaram o incidente ao comando aéreo da NATO. Pouco tempo depois do sequestro, os camiões tentaram cruzar um pequeno rio e um dos veículos atolou-se no lodo, a alguns quilómetros da aldeia de Omar Khel. Os talibans tentaram tirar o camião mas não conseguiram. Para facilitarem a tarefa começaram a tirar fuel. Por razões que se desconhecem a notícia chegou aos habitantes das aldeias mais próximas que se apressaram a seguir para o local, para conseguirem fuel grátis. Nesse momento apareceram dois aviões F-15E *Strike Eagles* da Força Aérea estadunidense e, pelas duas e meia, deitaram duas bombas de 250 quilos cada, guiadas por um sistema JDAM de posicionamento global, sucedendo o que era previsível: uma enorme explosão incinerou um grande número de pessoas, matando e ferindo muitas delas. Os aldeões disseram que os seus familiares estavam a tirar fuel dos camiões sequestrados e que os queimaram vivos no meio de uma bola de fogo gigante. Ao que parece os pilotos e co-pilotos lançaram as bombas sobre os imobilizados camiões, revelando uma óbvia falta de sensibilidade quanto a quem poderia ser o grupo de pessoas que rodeava os camiões. A escassa inteligência eficaz sobre o terreno das forças dos EUA e da NATO no Afeganistão é lendária. Isto é, *lançou-se um ataque aéreo letal contra um objectivo com uma alta probabilidade de que ali houvesse civis*.

A narração dos meios de comunicação dominantes sobre o ataque não deixou de reflectir a norma habitual de manipulação de notícias, tentando controlar os danos [7]. As primeiras informações seguiram as indicações do Pentágono proclamando que num «ataque de precisão» só tinham morto talibans ou combatentes. Quando depois se tornou evidente que havia um aumento do número de civis assassinados e feridos, passou-se a culpar os talibans pelas suas mortes (como fez John Burns, chefe dos correspondentes no exterior do New York Times). Aqui, é necessário salientar um ponto importante: Os que eram «talibans» converteram-se agora em «civis». Qualquer

pessoa suspeita agora que muitos dos supostos «talibans» assassinados pelos exércitos dos EUA, da NATO e afegão, ao longo de todos estes anos no Afeganistão e na fronteira com o Paquistão, eram civis. O passo seguinte, é anunciar que os EUA e a NATO vão proceder a uma investigação, isto é, o executor investiga-se a si próprio (com os resultados que se prevêem). Por outro lado, outros *media* mais independentes, como a Reuters, a Agencia France Press, e Pajhwok Afghan News começaram a difundir detalhadamente histórias relatados por vizinhos que estavam presentes ou perto do local do massacre. Com a passagem do tempo, a investigação amolece ou dá «resultados» completamente irrisórios, (como nos casos de Azizabad, Herat) e, por último, enviam-se algumas simbólicas «condolências» aos familiares das vítimas. É mais que provável que McChrystal, ou um outro seu qualquer *alter ego*, anuncie depois mais uma nova estratégia, à volta à volta da qual se juntam para proteger os civis afegãos.

The Associated Press e Yahoo! News começaram por informar que numa acção aérea da NATO tinham sido mortas 90 pessoas num ataque executado pouco antes de amanhecer, perto da aldeia de Omar Khel. Citaram o comando militar alemão, que tinha assegurado, inequivocamente, que «não havia vítimas civis». Pouco depois, a Reuters titulava «Grande quantidade de mortos depois dos ataques da NATO contra camiões-cisterna carregados de fuel no Afeganistão». Os despachos das agências de notícias disseram que, mesmo que a NATO acreditasse que as vítimas eram combatentes talibans, os vizinhos indignados do norte da província de Kunduz tinham dito que os aldeões estavam a tirar fuel dos camiões sequestrados quando foram apanhados pela explosão. Ao perguntar à comandante Marina Christine Sidenstricker, oficial de imprensa das forças estadunidenses e da NATO, como era possível que os pilotos não tivessem suspeitado que na multidão que rodeava os camiões havia civis, respondeu: «Com base na informação disponível no local, os comandantes acreditaram que eram insurrectos». A meio da tarde de 4 de Setembro, o serviço independente de notícias afegão *Pajhwok Afghan News* titulava «Dezenas morrem em Kunduz», incluindo as «dezenas de civis» reclamadas pelas autoridades locais. A agência *Pajhwok* citava um oficial de segurança que disse que o número de vítimas era superior 200, acrescentando que os aviões de combate atacaram as pessoas que se tinham juntado para receber fuel gratuito, distribuído pelos sequestradores. Citavam-se os nomes de alguns aldeões que tinham dito que tinham sido mortos alguns parentes seus. A *Pajhwok* referia ainda que o director do hospital de Kunduz tinha admitido que tinham dado entrada no hospital 15 feridos, muitos dos quais tinham chegado a contorcer-se com dores, sem pele devido às graves queimaduras. Estes aspectos não mereceram qualquer referência dos serviços de despacho das agências noticiosas ocidentais que alimentam os noticiários.



Um ferido no massacre de Kunduz começa a ser tratado num hospital

A *Deutsche Press Agentur* confiou cegamente no relato oficial do governador de Kunduz, Mohammad Omar, que afirmou que «cerca de 90 pessoas, metade das quais civis, tinham morrido nas explosões». As agências noticiosas citaram um porta-voz do exército alemão: «Ao que parece não eram pessoas que não estivessem envolvidas», querendo com isso dizer que tinham morrido civis. Pouco depois, Mohammad Omar, indubitavelmente censurado, mudou a sua história e disse que acerca de 60 pessoas, na sua maioria talibans, tinham perecido no ataque da NATO: «O problema é que todas essas pessoas que estavam perto dos tanques ficaram carbonizadas e não são reconhecidas, mas eram, na sua maioria talibans armados, as restantes eram as que foram desde a aldeia às duas da madrugada, não podiam ser outra coisa senão talibans». Acrescentou mesmo que na explosão foram mortos quatro chechenos e um «alto comandante taliban».

Depressa começaram a aparecer mais detalhes. Ben Farmer, correspondente do *The Telegraph* em Cabul, referiu um morador de 32 anos, Mohammad Daud: «Os aldeãos correram para o camião de fuel com todos os recipientes que encontraram à mão, incluindo recipientes para o óleo de cozinhar. Havia 10-15 talibans no cimo do camião-cisterna. Foi então que o bombardearam. Todos os que se encontravam perto do camião morreram». Outros relatos do hospital de Kunduz sublinharam o grande número de feridos que chegavam com queimaduras horríveis, incluindo uma criança de dez anos. Uma notícia de Frank Jordan, da *Associated Press*, calculava em 40 os civis que morreram, e citava um membro do conselho provincial de Kunduz e um residente na aldeia em que se deu o ataque (Omar Khel), que disse que umas 500 pessoas dos povoados próximos se tinha reunido à volta dos camiões. Disseram que os insurrectos

lhes tinham dito para levarem o fuel: «Os talibans chamaram os aldeões: “venham e levem fuel grátis”, disse, e a perspectiva de fuel gratuito tinha sido irresistível. As pessoas estão famintas e são tão pobres». O membro do conselho provincial acrescentou que numa família tinha morrido cinco pessoas e que um homem que ele conhece, chamado Haji Gul Bhudin, perdeu os seus três filhos.

Uma notícia do Los Angeles Times acrescenta novas informações. Dizia que houve um lapso de tempo de mais de meia hora, entre o momento em que se tomou a decisão e o momento em que se executou, «o que deu tempo a que chegassem mais aldeões, quando correu a notícia que havia fuel que podiam levar». Vemos os esforços de Laura King para que seja exonerado o comandante estadunidense que deu a ordem de bombardear. Diferentemente, Maria Golovnina, da Reuters, tituló uma reportagem da agência de notícias escrita três horas antes: «Depois do ataque no Afeganistão, carne carbonizada e indignação escaldante». Golovnina proporcionava detalhes vívidos:

Os desesperadamente pobres aldeões afegãos ouviram dizer que os talibans tinham abandonado junto ao rio uns camiões-cisterna carregados de fuel e pensaram que era o seu dia de sorte. Centenas deles apressaram-se a ir para os camiões para encher os recipientes com o valioso produto. De repente um avião F15 estadunidense rugiu sobre eles e abriu fogo. Mohammad Din ouviu a explosão.

Sexta-feira de manhã, quando as chamas se apagaram, ainda havia corpos carbonizados espalhados pelas margens do rio. As autoridades afegãs dizem que morreram no ataque cerca de 90 pessoas; as forças da NATO dizem que foram chamadas pelos soldados alemães para esmagar os combatentes talibans que tinham sequestrado os camiões-cisterna. Os aldeões apenas podiam conter a raiva. «É uma tragédia, as pessoas estão indignadas. A comunidade internacional veio aqui para ajudar, mas não estão a ajudar nada, apenas atiram bombas para cima de nós», disse Mohammad Din. Alguns vídeos filmados por afegãos no local na manhã seguinte mostravam pilhas de corpos carbonizadas, juntamente com ferros retorcidos. A cisterna de um dos camiões ainda estava a arder. Na capital da província, Kunduz, dezenas de moradores, alguns claramente furiosos, reuniram-se em frente de um pequeno hospital regional, um degradado edifício de cimento em que se via uma actividade frenética, enquanto os médicos tratavam mais de uma dezena de feridos. Queimadas, as vítimas jaziam vendadas a gemer no pátio. Alguns esperavam que as levassem de avião até Cabul para receber um tratamento melhor com a ajuda do Comité Internacional da Cruz Vermelha (CICR). O porta-voz da CICR, Jessica Barry, que fazia parte da equipa que ajudava a evacuar alguns dos feridos, disse que era «impossível saber quantos mortos tinha havido». Um homem, Wazir Gul, estava ali de pé, enquanto via como o seu irmão Mohammad, com graves queimaduras, jazia inconsciente debaixo de um lençol branco de algodão, na parte de trás de uma camioneta desmantelada, perto do hospital. «Está tão queimado e tão ferido que não se pode mexer», disse Gul. Muitos também disseram que não sabiam quantas pessoas tinham sido mortas. Que temiam que muitos corpos tivessem sido arrastados pelas águas do rio. Outros não sabiam o que é que os talibans estavam a fazer na zona nem o que significavam os tanques de fuel. Um ancião daquele lugar manifestou a sua raiva contra as tropas estrangeiras misturada com um ressentimento contra os talibans, normalmente instalados no sul mas cada vez mais activos nas províncias do norte de Kunduz. «Os talibans roubaram esse fuel para eles», disse Hayi Amanullah. «Não o puderam utilizar e por isso abandonaram-no. Não é que nos estivessem a ajudar. Só pudemos recolher o que eles abandonaram».

Rajiv Chandrasekaran, do Washington Post (como era de prever) começou a «culpar os talibans» pelas mortes dos civis, alinhado com os argumentos dos impenitentes oficiais do exército alemão, que asseguravam que todos os assassinados eram insurrectos ou *peças recrutadas pelos talibans para os ajudar no roubo dos camiões-cisterna*. Como tem bons contactos com os exércitos estrangeiros, Chandrasekaran pôde dar mais alguns interessantes detalhes técnicos. Um bombardeiro B-1B encontrava-se na zona quando os aviões foram sequestrados e ficaram atolados ao tentarem atravessar um rio. Os comandantes alemães que estavam no terreno preocuparam-se com a possibilidade dos camiões puderem ser utilizados por bombista-suicidas contra a sua Equipa de Reconstrução Provincial, localizada a uns dez quilómetros de distância. Como consequência desse pavor, declararam uma ameaça eminente e pediram apoio aéreo. Às duas da madrugada chegaram os aviões F-15E. Cerca de trinta minutos depois, no cumprimento de instruções de um «artilheiro alemão», um dos aviões estadunidenses lançou duas bombas GBU-38 de 250 quilos cada, uma em cima de cada camião-cisterna.

Um par de horas depois o veterano repórter John Burns do New York Times expressava de forma muito mais explícita o argumento «a culpa é dos talibans»:

«Levará algum tempo a conhecer detalhadamente como ocorreu o ataque aéreo de Kunduz, se é que alguma vez chegará a saber-se, mas as primeiras informações indicam que os sequestradores talibans das cisternas de fuel podem ter permitido ou animado os civis da zona a juntarem-se à volta dos camiões para tirarem o fuel, o que sugere que os homens que levaram os camiões-cisterna foram, no melhor dos casos, uns despreocupados e, no pior, uns cínicos, ao permitirem que os civis ficassem em perigo juntando-se à volta de um potencial alvo militar. Esse é também outro dos traços desagradáveis do confronto afegão, tal como aconteceu no Iraque: uma insurreição que reconhece o valor da propaganda dos EUA matando inocentes e a quem não lhe importa muito, se é que lhe importa alguma coisa, a matança que daí resulta».

Ao fim do dia de sexta-feira, vários serviços de agências de notícias informavam que a NATO tinha aberto uma investigação sobre o bombardeamento, e sábado, logo de manhã, oficiais da NATO estavam no local perto de Kunduz, tentando acalmar os afegãos depois do ataque letal. O general McChrystal disse em previsíveis palavras: «Levo muito a sério esta possível perda de vidas inocente afegãs». Lynne O'Donnell da Agência France Press elaborou uma informação muito mais céptica titulada: «O ataque da NATO golpeia no coração a nova estratégia afegã». Sublinhou que a atroz coordenação do ataque estadunidense – como advertiu um «assessor estrangeiro» em Cabul: «Não podia ter acontecido em pior momento para que as potências ocidentais tentassem justificar a sua presença no país» –, e todo um coro de interesses que exigiam uma investigação. Ninguém se atreveu a colocar a questão de uma investigação realmente independente.

Uma informação da Agência France Presse falava das «orações rezadas numa atmosfera muito pesada, em quase uma dezena de povoações do norte da província de Kunduz em evocação dos assassinados». O Pajhwok Afghan News titulava um artigo no sábado: «150 civis, camponeses morrem num ataque aéreo». O jornalista do Pajhwok, Abdul Matin Sarfaraz escreveu:

«Moradores dos distritos de Chahar Dará, a norte da província de Kunduz, dizem que mais de 150 civis foram assassinados e outros 20 feridos num ataque aéreo executado sexta-feira pelas forças da NATO. Os bombardeamentos sobre a aldeia de Haji Aman deram-se quando os insurrectos e os moradores esvaziavam para vasilhas de lata o

petróleo dos camiões-cisterna sequestrados pelos talibans, na auto-estrada Kunduz-Baghlan. Os habitantes da zona disseram a Pajhwok Afghan News que todos os assassinados eram civis e que não havia talibans no local no momento em que se deu o ataque. Os combatentes tinham abandonado o local após dizerem às pessoas que levassem o fuel gratuitamente. Um ancião do povoado Sarak-i-Bala, Abdul Rahim, disse que havia quinze crianças entre as cinquenta pessoas assassinadas no bombardeamento da aldeia de Yaqubi. O homem, que tinha perdido dois filhos na tragédia, sustentou: "A pobreza colocou-nos nesta situação". Não havia guerrilheiros entre os mortos, disse, explicando que os combatentes tinham ido antes do ataque letal. Uma mulher de cinquenta anos chorava amargamente, de pé, em frente da sua casa destruída: Disse que os seus três filhos. O seu marido e um neto tinham perecido no bombardeamento. Os vizinhos mostraram ao jornalista cerca de cinquenta tumbas de vítimas civis. Na aldeia de Maulvi Naim, os moradores disseram que tinham morto vinte e cinco civis. Hayi Najmuddin, um velho líder tribal, perdeu dois sobrinhos. Afirmou que tinham lançado bombas químicas sobre os aldeões. As roupas dos seus sobrinhos estavam intactas, mas os seus corpos estavam horrivelmente carbonizados, sustentou o homem. O jornalista viu as tumbas dos assassinados no ataque aéreo. Setenta das vítimas eram das aldeias de Yaqubi e Maulvi Naim, e o resto de outras aldeias».

Ao fim do dia de sábado, até Richard Opiel, do New York Times, já concedia que tinham sido mortos pelo menos oitenta pessoas e que muitas delas eram civis, mas voltava de novo à carga com as investigações da NATO para explicar a mistura de militantes e civis. Julian Borges e Jon Boone, do The Guardian escreveram sob o título «Povo afegão devastado por um ataque da NATO contra os talibans», que os mísseis da NATO tinham varrido do mapa o povoado de Omar Khel e dessa maneira expuseram «o grave dano que esse facto representava para as esperanças dos EUA e da NATO de começar de novo e diferentemente no Afeganistão». Citavam Moin Marastial, membro do parlamento de Kunduz:

«As pessoas da terra dizem-me que morreram assassinadas 130 pessoas, apesar das promessas da NATO de diminuir os bombardeamentos e reduzir o número de vítimas civis. É um dia mau para as forças internacionais no Afeganistão».

Domingo pela manhã, o bem informado Chandrasekaran do Washington Post, informou o mundo que um solitário «informador» afegão disse a um comandante alemão que mais de 100 insurrectos talibans se tinham reunido à volta dos dois camiões-cisterna sequestrados que estavam atolados no barro. Lá em cima, o vídeo do F-15E estava pouco nítido e não se podia distinguir se as pessoas tinham armas. Não obstante, deu-se a ordem de bombardear. Ao fim do dia de sábado enterravam-se os mortos nos povoados situados à volta de Omar Khel enquanto, segundo a Reuters, os rostos dos combatentes talibans, envoltos em panos negros e com as AK-47 ao ombro observavam a cena. O jornalista da Reuters, Mohammad Hamed, escreveu:

«A chorar, os aldeões ajoelham e rezam em frente de umas cinquenta tumbas abertas nos arredores de Yaqubi, um enclave de choças de adobe perto do local onde as autoridades afegãs dizem que um bombardeamento da NATO acabou com a vida de dezenas de pessoas, muitas delas civis. Pouca atenção prestavam aos grupos de talibans que, de longe, observavam o serviço funerário. A presença dos talibans destaca o forte controlo taliban em zonas até há pouco tranquilas do norte do Afeganistão, num momento em que as forças dirigidas pelos EUA lutam para conter um insurreição cada vez mais agressiva, habitualmente acantonada ao Sul e a Este do Afeganistão. «Vamos vingá-los. Aqui morreu uma multidão de pessoas inocentes»,

disse no funeral um dos combatentes talibans, a quem só se viam os olhos num rosto coberto com um pano grosso».



Os moradores da zona dizem que as bombas caíram quando umas 200 pessoas de cinco povoações próximas se tinham juntado o fuel que pensavam os talibans tinham abandonado. «Todas as famílias dos arredores têm vítimas», disse Sahar Gul, um aldeão de 54 anos da aldeia de Yaqubi. Há famílias inteiras destruídas. Os mais informados foram levados do Hospital de Kunduz. Os mortos foram enterrados na presença dos talibans.

Quantos voluntários mais estão dispostos a incorporar-se nos talibans, ou quantos simpatizantes mais criou este massacre?

Epílogo

A informação dada pelos *media* depois do massacre de Kunduz raia o psicodélico. À última hora de segunda-feira, o London Times informava que McChrystal tinha, a partir desse momento, proibido o consumo de álcool às tropas da base aérea de Bagram. The Times informava que, sexta-feira, quando MacChrystal tentou contactar com os comandantes do seu exército «para avaliar o que tinha sucedido ficou furioso, ao

constatar que muitos deles estavam bêbados ou demasiado ressecados para lhe poderem responder» [8].

No caso de alguém culpar só os estadunidenses por este comportamento, seja dito que em 2009 foi enviado para casa um aliado da «coligação», depois de um grupo de guardas macedónios terem sido descobertos bêbados, quando estavam de guarda à porta traseira da base de Bagram. Os oficiais alemães apodaram-nos de «esponjas inúteis», por consumirem 1,7 milhões de garrafas de cerveja e 90.000 mil garrafas de vinho num ano.

Em Washington o tom foi diferente. Pamela Constable, do Washington Post, tratou de desvalorizar a ira afegã pelas mortes dos civis [9]. Citava «algumas autoridades de Kunduz» que tinham dito que os aldeões assassinados eram todos eles «familiares» dos insurrectos e que eram «igualmente culpados», pois, quando morreram, estavam a roubar o fuel dos camiões-cisterna. Isto é, para a Sra. Constable ser «familiar» de um soldado inimigo converte-o, a ele ou a ela, num alvo militar justificado. Também lançou mão da falácia de que *a culpa é dos talibans*, dizendo que vinte talibans tinha pressionado os aldeões para que fossem buscar o fuel grátis e, *ipso factum*, os talibans eram os responsáveis pelas mortes dos aldeões.

Por seu lado, os talibans apelaram às organizações internacionais de direitos humanos não identificadas para que investigassem o que tinha acontecido, ao mesmo tempo que publicavam uma lista de 79 vítimas [10].



Uma outra vítima do massacre de Kunduz

O «progressista» liberal Andrew Bacevich dizia que com Obama, o Afeganistão se tinha convertido numa alta prioridade para o Pentágono, e que Obama terá de persuadir o povo norte-americano de que é necessário «por toda a carne no assador». Bacevich aconselha que antes de fazer isso conviria colocar uma outra questão: «Haveria que colocar a seguinte consideração presidencial: Que alternativas, para além de uma guerra aberta e total, poderiam facilitar que os EUA compreendesse os seus interesses limitados no Afeganistão [11]?

A pergunta foi feita mas a resposta não chegou. O que esse «progressista» não mencionou foi que os ditos actuais objectivos de Obama no Afeganistão são iguais aos de George W Bush em 2001-2002. Não se diz que uma saída rápida podia ser a opção preferível, visto que se podia contra-atacar melhor a Al Qaeda através de um paciente trabalho policial internacional – como se demonstrou na captura dos principais dirigentes da Al Qaeda no Paquistão, mas não no Afeganistão, em vez de nos dedicarmos a ocupar países e a bombardear os seus habitantes. McChrystal proíbe que as suas tropas bebam álcool; Pamela Constable cria uma nova definição de combatente inimigo: todos os familiares dos combatentes inimigos. Os talibans pedem uma investigação sobre o massacre de Kunduz e Andrew Bacevic uma miragem na guerra aberta de Obama.

Notas:

[1] Detalhes sobre Marc Garlasco em Mar H. Herold e David Peterson: «Civilian Dead do not Exist For a (Likely) War Criminal: Bombs Away Marca Garlasco», em <http://pubpages.unh.edu/~mwherod/CivilianDeaddonotExistGarlascoFeb202008.pdf>

[2] No meu «Matrix of Dead. New Dossier on the (Im)Precision of U.S. Bombing an the (Undervaluation) of Afghan Lives», Fronline. India's National Magazine 25, 21 (11-24 de Outubro de 2008): capa e páginas 4-23. Também publicado no Canadá em Global Research: www.globalresearch.ca/indez.php?context=valid&aid=10506

[3] Veja-se: «Bomber McNeill Reveals the “Cheapness” of Afghan Lives: The Massacre in Haydarabad, Helmand», Cursor.org (1 de Agosto 2007) em: <http://cursor.org/stories/bomber/.html>

[4] Explorei empiricamente esta questão no meu ensaio: «The Value of a Dead Afghan: Revealed», Cursor.org (21 de Julho de 2002): <http://cursor.org/stories/afghandead.html>

[5] Como, por exemplo, analisam Eric V.Larson e Bogdan Savych em »Misfortunes of the War. Press and Public Reactions to Civilian Deaths in Wartime (Santa Mónica: Randmonograph Project Air Force, 2006), 298 páginas. Disponível em formato electrónico em www.rand.org/pubs/monographs/MG441. Um estudo clássico é o de Edward S. Herman e Noam Chomsky: «Manufacturing Consent. The Political Economy of the Mass Media» (New Tork: Pantheon Books, 1988), 412 páginas.

[6] Examinei aprofundadamente esta questão no meu Relative Lethality. Survival Odds for Civilians na Occupiers in Afghannistan and Iraq», Cursor.org (6 de Janeiro de 2006) em: www.icasualties.org/oef/

[7] Para não encher o ensaio com demasiadas notas finais, omiti algumas no texto. O autor pode proporcioná-las a quem o solicitar.

[8] Jerome Starkey: «Last Orders for Troops Arriving for Daily Duty with Hngovers», Times (8 de Setembro de 2009) em: <http://timesonline.co.uk/news/world/Afghanistan/article6825321.ece>

[9] Pamela Constable: «Afghan Reaction to Strike Muted. Anger at Taliban, Apology by U.S. Deflect the Usual Outrage over Civilian Deaths», Washington Post (8 de Setembro de 2009)

[10] Taliban Call for Probe as Fall-Out from Afghan Air Raid Reverberates», Agence France Press (7 de Setembro de 2009) em:

www.google.com/hostednews/afp/article/ALeqM5jEbx20FICGNf1FHeNzr2rpaV4Aw

[11] Andrew Bacevich: «Should Obama Go “All In” on Afghanistan?, Los Angeles Times (7 de Setembro de 2009).

* Marc W. Herold é professor da Wittemore School of Business & Economics, University of New Hampshire, Durham, N.H. (USA).

Este texto foi divulgado em: www.frontlineonnet.com/stories/20091009262005500.htmA

Tradução de José Paulo Gascão